

# As Viagens e o Turismo: Investigação Científica e Investigações de si

BIAGIO MAURICIO AVENA \* [ [bmavena@ifba.edu.br](mailto:bmavena@ifba.edu.br) ]

**Resumo** | A Tese, na interseção da educação, da viagem e do turismo, aborda experiências de aprendizagem, de formação e de educação pelas viagens, a fim de contribuir para a formação do docente e do profissional bem como dos viajantes confrontados a outras culturas e a uma possível (trans)formação deles próprios, por meio de uma abordagem multirreferencial na perspectiva de uma bricolagem metodológica. Neste texto são apresentadas as reflexões de alguns estudiosos da área que ressaltam a relevância das viagens na transformação do sujeito, ressaltando o papel fundamental das viagens nas *Investigações*, as de caráter científico e as de si próprio. Essas reflexões conduzem, por meio de uma “história de curiosidade”, à percepção da evolução histórica da sistematização e organização das viagens de (re)conhecimento durante os séculos anteriores, especialmente dos séculos XVI ao XIX, que promoveram a constituição da metodologia das ciências sociais como a conhecemos atualmente no século XXI. Além desse caráter científico, as viagens tem um papel considerável, talvez mesmo imprescindível, em aspectos mais sutis e profundos para cada ser humano. O comportamento dos sujeitos, mediante a confrontação com outros sujeitos, povos, culturas e lugares pode ser colocado em questionamento e, assim, contribuir para uma transformação de si, por meio de atitudes refletidas que permitam um comportamento sustentável.

**Palavras-chave** | Investigação Científica, Investigações de si, Viagens, Turismo.

**Abstract** | The Thesis, in the intersection of education, travel and tourism, approaches learning, formation and education experiences by travels, in order to contribute for the teacher’s formation and of the professional as well as of the travelers confronted to other cultures and a possible (trans) formation of themselves, through a multirreferencial approach in the perspective of a methodological bricolage. Reflections are presented of some studios of the area that emphasize the relevance of travels in the subject’s transformation, emphasizing the fundamental role of travels in the Investigations, the one with scientific character and the ones of itself. Those reflections drive, through a “history of curiosity”, to the perception of the historical evolution of the systemization and organization of the knowledge trips during the previous centuries, especially from the 16<sup>th</sup> to de 19<sup>th</sup> centuries, that promoted the constitution of the methodology of the social sciences as we know in the 21<sup>st</sup> century. But, beyond that scientific character, travels have a considerable role, maybe even

---

\* **Doutorado em Educação** pela Universidade Federal da Bahia (Brasil) e **Professor** no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA (Brasil).

indispensable, in subtler and deep aspects for each human being. The behavior of the subjects, by the confrontation with other subjects, people, cultures and places can be put in question and, like this, can contribute for the transformation of itself, through attitudes reflected that allow a sustainable behavior.

**Keywords** | Scientific Investigation, Investigations of itself, Travels, Tourism.

## 1. Considerações iniciais

Este texto está estruturado em três momentos: inicialmente, desenvolve-se um itinerário pelas investigações científicas por meio do estudo de diversas obras que ressaltam a contribuição das viagens na construção dos métodos científicos; em seguida, apresentam-se as viagens enquanto investigações científicas mediante o estudo das reflexões de Justin Stagl (1995) que ressalta o início da história da pesquisa social. Uma análise, em terceiro lugar, das viagens como promotoras das investigações de si, ressaltando os diferentes tipos e formas de experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos que contribuem para a (trans)formação de si. Os diversos tipos de mobilidade e, especialmente, as viagens são modalidades de experiência que tem papel preponderante nessas (trans)formações.

## 2. Biblioteca das viagens: um itinerário pelas investigações científicas

Em *Humeurs Vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*<sup>1</sup>, Roche (2003a) faz uma síntese magistral sobre a utilidade das viagens por meio da análise das mais diversas formas de mobilidade. Essa obra abre várias outras possibilidades de reflexão e de pistas de pesquisa no campo das viagens e do turismo. Uma dessas pistas é o aprofundamento de pesquisas na vasta gama de obras produzidas ao longo dos séculos sobre as viagens.

Dentre as 1853 notas bibliográficas identificadas na obra de Roche (2003a) foram selecionadas algumas que tem uma relação direta e mais específica com as questões que se referem às experiências da aprendizagem, da formação e da educação pelas viagens, que contribuam à formação do professor, do profissional das viagens e do turismo e dos viajantes confrontados a outras culturas e, assim, a uma possível (trans)formação de si.

O livro de Leopold Berchtold intitulado *Ensaio para dirigir e expandir as pesquisas dos viajantes que se propõem à utilidade de sua pátria, com observações para preservar a vida, a saúde e os efeitos, e uma seqüência de questões sobre os objetos os mais dignos das pesquisas de todo viajante, sobre as matérias que interessam a sociedade e a humanidade*, foi traduzido do inglês em 1797. O volume II detalha diversos elementos importantes para o conhecimento de um reino: comércio interno e externo, pesca, construções, Leis, polícia, filantropia, educação, usos e costumes, sexo, religião, nobreza, governo, taxas e impostos, finanças, forças armadas, príncipe que reina. Por fim, apresenta regras gerais para julgar comparativamente a pobreza ou a riqueza de uma capital, uma cidade ou um país que se percorre.

Por sua vez, o livro de Stéphanie Félicité du Crest Genlis intitulado *O Viajante, por Madame de Genlis, obra útil à juventude e aos estrangeiros* foi produzido com o objetivo de fornecer instruções e conselhos aos viajantes que querem fazer viagens e que não tem nenhuma experiência.

<sup>1</sup> Humores Vagabundos: da circulação dos homens e da utilidade das viagens. (NT).

O livro *A Arte de viajar utilmente*, publicado em 1688 por um autor desconhecido, é citado e analisado por Boucher de La Richarderie a partir de uma edição de 1698. Esta obra foi consultada na BNF e foi possível verificar as reflexões e análises efetuadas na segunda metade do século XVII sobre a relevância e as contribuições das viagens à (trans)formação de si. É importante ressaltar que as representações sobre as viagens naquela época estão muito ligadas à aventura considerando as dificuldades e barreiras existentes na sua realização. No entanto, esse autor ressalta que “o proveito vai infinitamente além do sofrimento” (Autor Anônimo, 1688: 1), pois considera que “o viajante que soube instruir-se como se deve para suas viagens é sempre recompensado dos desconfortos que devem-se evitar”. (Autor Anônimo, 1688: 2). Salienta, igualmente, que a preparação para a realização das viagens por meio das leituras e pela imaginação é importante, mas que a experiência em si da viagem é o mais importante, pois considera que essa preparação “é uma pura ilusão” após a efetiva experiência da viagem. Esse autor conclui seu texto com uma frase lapidar: “não se aprende nunca viajando aquilo que se supõe que um homem respeitável deva saber antes de engajar-se em uma viagem”. (Autor Anônimo, 1688: 47)

Um documento singular e muito interessante, que certamente foi influenciado pelas inovações de Rousseau, foi produzido por Louis Portiez, Deputado da Região da Oise, na França. Esse documento intitulado *Des voyages, de leur utilité dans l'éducation*<sup>2</sup>, publicado em 1795, em Paris, enfatiza a importância de uma educação pelas viagens e na natureza, além dos aspectos físicos, intelectuais, sociais, morais e espirituais da educação, ou seja, as dimensões da educação. Nesse texto, Portiez (1795) faz uma defesa da relevância das viagens e da necessidade de estudá-las nas escolas. Esse texto é considerado por alguns autores como pertencente à corrente pedagógica da educação pela viagem.

Esse autor tem a idéia de motivar à descoberta, de fortalecimento perante as dificuldades, de desenvolvimento do sentimento de esforço. Esta é uma edição original do primeiro projeto de aperfeiçoamento da educação pelas viagens.

Uma outra obra a ser ressaltada, analisada e citada por Roche (2003a), é a *Biblioteca universal das viagens ou Resumo argumentado de todas as viagens antigas e modernas nas diferentes partes do mundo, publicadas tanto em língua francesa quanto em línguas estrangeiras, classificadas por ordem de país na sua série cronológica, com passagens extraídas mais ou menos curtas das viagens mais estimadas de cada país e dos julgamentos motivados sobre os relatos antigos que são mais célebres* de Boucher de La Richarderie, publicada em Paris em seis volumes em 1808 e reimpressa em Genebra em 1970. Os editores dessa obra salientam na sua apresentação que a mesma foi produzida pelo autor “com a confiança que ela será útil às pesquisas dos Eruditos, *instrutivo para os Viajantes* (grifo meu), e agradável a todas as classes da sociedade”. Na sua introdução, Boucher de La Richarderie (1970 [1808]: xij-xiij) enfatiza a importância de diversas obras consultadas que as qualificam como verdadeiramente instrutivas. Um aspecto remarcado pelo autor é a forma como foi realizada e apresentada essa obra, pois isso permitiu a elaboração de um “quadro itinerário dos diversos países e dos diversos povos, que pode tornar-se um meio de instrução, [...] mas que seria impraticável sem o auxílio de uma Biblioteca argumentada das Viagens”.

Dos seis volumes que compõem essa *Biblioteca*, ressalto o primeiro que apresenta oito seções na primeira parte. Destas destaco as três primeiras que tratam, respectivamente: *das instruções e tratados preliminares sobre a utilidade das Viagens e a maneira de torná-las úteis; das Navegações e Viagens na antigüidade* (grifo meu); e das Viagens feitas na Idade Média.

Estas obras enfatizam o panorama e são o pano de fundo para um histórico da elaboração de uma metodologia das investigações científicas.

<sup>2</sup> Das Viagens, da sua utilidade na educação. (NT).

### 3. As viagens enquanto investigações científicas: *uma história de curiosidade*

Dentre os pesquisadores que se interessaram pelas viagens e suas contribuições, uma atenção especial deve ser dada à obra de Justin Stagl (1995) e, particularmente, ao livro *A History of Curiosity: the theory of Travel 1550-1800*<sup>3</sup>. Na sua obra, ressalta esse autor que foi examinado e debatido o início da história da pesquisa social. Acrescenta que por essa noção considera a investigação da “segunda realidade” criada pelo homem por meio da interação social, da comunicação simbólica e da utilização de instrumentos. Segundo esse autor, essa realidade do homem feita por ele próprio está baseada sobre a “primeira realidade” da natureza, mas os fenômenos sócio-culturais tem igualmente necessidade do substrato corporal dos fenômenos naturais para a sua subsistência. Na sua opinião, a pesquisa das relações sociais, das instituições políticas e das particularidades culturais deriva e procede por meio da exploração dos fenômenos naturais. Esse autor argumenta que em virtude de seu caráter abstrato e indireto, a pesquisa social é freqüentemente pensada como uma aparição tardia na história humana. No entanto, esse pesquisador defende em seu livro uma opinião contrária a essa. Argumenta, assim, que algumas formas de pesquisa social estão presentes em todas as épocas e sociedades e que a pesquisa social é contemporânea ao homem. (Stagl, 1995:01)

Esse autor retorna um pouco no tempo e explica que um europeu culto durante a Idade Média aparentemente conhecia muito pouco sobre os países estrangeiros, pois não havia nem descrições confiáveis dos países e das cidades, nem guias descrevendo seus usos e costumes. Completa sua explicação expondo que estas informações existiam, mas estavam estocadas nas chancelarias e nos arquivos. Acrescenta ainda que esta situação modificou-se ao longo dos séculos seguintes e

que no século XVIII descrições compreensíveis e confiáveis tinham sido formadas e estavam disponíveis mais facilmente. Considera que essa disponibilidade de informações tornou possível o progresso intelectual e isso foi a pré-condição para a expansão do Oeste para o mundo todo. Ressalta, igualmente, que esse conhecimento foi acumulado por meio de três técnicas que estão, na sua visão, na base da pesquisa sócio-político-cultural: a viagem; a pesquisa e a documentação sistemática. Observa, assim, que essas técnicas de pesquisa não foram desenvolvidas no início do período moderno, mas que aí foram organizadas de modo sistemático (Stagl, 1995: 95-96).

É ressaltado por esse pesquisador que, *nos inícios da idade moderna, uma pessoa que desejasse melhorar e aprofundar sua educação era suposto fazer uma viagem*. Isso queria dizer, dentre outras coisas, visitar pessoas importantes e famosas e continuar a relação pela troca de cartas após o retorno. Esse autor ressalta que a *ars apodemica* considerava isso *uma das diversas vantagens da viagem*. Acrescenta que, da mesma forma como a viagem, a troca de correspondência significava uma extensão da esfera usual da vida e permitia às pessoas cultas uma experiência do mundo muito variada. (Stagl, 1995: 97)

Na transição da viagem privada à viagem patrocinada, esse pesquisador empreende uma viagem da Revolução Francesa até o século XX apoiando-se sobre as formas de utilização dos questionários ao longo desses diferentes tempos históricos. Tendo como base esse itinerário, observa que *a arte da viagem tentou realizar uma síntese entre a educação pessoal do viajante e sua acumulação de conhecimentos úteis* (Stagl, 1995: 269-296).

Mas as contribuições das viagens vão muito mais além. A trajetória continua e verificar-se-á o seu papel no conhecimento, nas *Investigações de Si*.

<sup>3</sup> Uma História de Curiosidade: a teoria da viagem 1550-1800. (NT).

#### 4. As viagens e as investigações de si

Os diferentes tipos e formas de experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos contribuem para a (trans)formação de si. Os diversos tipos de mobilidade e, especialmente, as viagens são modalidades de experiência que tem papel preponderante nessas (trans)formações. De Karl Gottlob Schelle (1802: 11) salientando o fato que passear é “uma arte [...] que desenvolve as razões, permitindo uma consciência mais nítida de seu prazer segundo impressões múltiplas que proporciona [...]”, passando por Arnaud Grall (1998) que defende a idéia de uma “inteligibilidade multirreferencial da errância como percurso existencial iniciático”, chegando às reflexões de Eugène Enriquez no livro de Bernard Fernandez (2002:1) ressaltando que “a viagem ao exterior” é na verdade “uma viagem ao interior de si” em que a “estética do diverso” proposta por V. Segalen traz em si uma “obrigação de compreender e de respeitar o outro, a priori incompreensível e intocável, e de transformar-se ao seu contato”; diversos autores ressaltam o papel dos variados tipos de mobilidade e das viagens na transformação de si.

As reflexões de Schelle (1802:12-21), no preâmbulo aos seus leitores, salientam que “uma arte do passeio seria de interesse para todas as pessoas [...] que gostam de flunar, com o espírito e os sentidos alertas, tanto na natureza como nos locais freqüentados, e de usufruir plenamente da natureza e da sociedade durante seus passeios”. Na sua concepção, o passeio não é um simples movimento do corpo, pois “o espírito, durante um passeio, deve encontrar a matéria e os objetos de sua atividade espontânea na própria esfera do passeio. É somente sob essa condição que ele tocará um domínio próprio ao espírito e à cultura”.

Para finalizar suas reflexões, resalta que “nenhum homem culto que possua um sentido agudo da natureza e que não ignore tudo com o que ela contribui para a formação de sua

personalidade pode deixar de procurar a nobreza de suas influências” (Schelle, 1802:75). Evidencia, assim, o papel do passeio como uma modalidade de mobilidade e sua influência e contribuição na (trans)formação dos sujeitos no seu cotidiano.

Nesse sentido, Grall (1998: 01-50) resalta que o processo de vagar, de flunar, é analisado por alguns autores ao longo do tempo. Dentre eles, refere-se à Maffesoli para quem a errância é uma virtude estruturante e iniciática, considerando-a um nomadismo pós-moderno, necessária para extirpar os tormentos da modernidade e sendo uma revolta contra a ordem estabelecida. Na visão de Grall (1998: 14-18) a errância é uma prática heurística para compreender o ser humano e uma etapa experiencial da sua existência. Considera, igualmente, que na sua concepção o nomadismo apresenta igualmente um valor supremo, pois nele está presente uma liberdade de partir e que a mobilidade, a viagem, implícitas nele constituiriam o seu rito. Na sua análise sobre o ato de vagar, resalta que leva em consideração a “temporalidade e a história do sujeito”, pois “o errante é um sujeito dotado de uma consciência própria, consciência esta que vai jogá-lo no mundo em estado de errância, evoluindo em espaços-tempos intemporais”. Esse pesquisador considera “a errância como uma cartografia de si e de suas origens, uma tentativa de realização de um atlas da memória e do imaginário do *self* do errante” (Grall, 1998:54). O errante tem como protetor Hermes, o bebê caminhador, o bisavô de Ulisses, o primeiro dos grandes viajantes da Mitologia grega. Na sua concepção a viagem não expande somente os horizontes mentais do sujeito, mas estrutura igualmente o seu espírito (Grall, 1998:119).

Assim, *a viagem é o lugar onde se exerce mais plenamente a liberdade criadora*. Nessa extensão do espaço interior, não é somente para o ser se refletir, se fazer ver em uma contemplação estéril, mas sobretudo absorver o que não é ele, expandir-se no campo do possível. Na sua concepção, “a errância desvela a alma” (Grall, 1998:120).

Nas reflexões contidas no livro *Identidade Nômade* Bernard Fernandez (2002) faz um elogio da experiência do longínquo. Nas suas pesquisas, esse autor observa que pode ser destacada de algumas narrativas a idéia de uma cultura da viagem que procura mais informar do que distrair. Em sua opinião, “ainda hoje, essa prática se aproxima de uma ‘arte da viagem’ preconizando uma maneira de fazer e de ser. Nesse sentido, a mobilidade humana não seria unicamente a expressão de uma sociedade do lazer e da evasão”. Para esse pesquisador da viagem, essa mobilidade baseia-se “igualmente em um fato social relativo à expatriação, às escolhas racionais e irracionais de indivíduos que decidem viver no estrangeiro migrando por um tempo para um outro país”. É nesse sentido que esse autor considera que “a relação que o homem mantém com a viagem mereceria uma aprovação convincente pelas ciências do Homem”. Observa, igualmente, que “a sociologia do turismo e da viagem produz numerosos estudos quantitativos *incapazes* (grifo meu) de avaliar as dimensões pessoais, até mesmo as metamorfoses vivenciadas no estrangeiro” (Fernandez, 2002:10-11).

Por meio das reflexões de Belorgey (2000:11), esse autor salienta que se destacam três arquétipos históricos do viajante: o *homo pelegrinus*, o *homo peregrinus* e o *homo peregrinus academicus*. Esse autor considera o primeiro como o peregrino, o segundo como o aventureiro e o comerciante e o último, “encarnado historicamente por Heródoto de Halicarnasse (século V a.C.) considerando a viagem como uma pesquisa sobre o mundo e, mais tarde, a figura do viajante-sábio-missionário, isto é, o *homo pelegrinus academicus*”. (Fernandez, 2002:11)

Fernandez (2002:30) enfatiza que “a viagem anuncia o tempo de uma metamorfose de si”, pois “o viajante é a testemunha, aquele que viveu ‘lá’, aquele que ‘viu’ o impensável e não pode ser mais aquele que era” (grifo meu). É por esse motivo que no seu retorno “Ulisses não é reconhecido pelos seus familiares”.

A presença e importância das metamorfoses, das transformações de si manifestam-se igualmente em outros espaços e tempos nas narrativas de Marco Polo (1271-1295), Cristóvão Colombo (1492), Magalhães (1519-1522), Armstrong (1969). Fernandez (2002: 30-31) observa igualmente que a “filiação à viagem ‘conhecimento’ está marcada historicamente por Heródoto de Halicarnasse, Platão e, muito mais tarde, sob a pena de Rabelais, Montaigne e Rousseau”. Além dessa ligação direta com as narrativas de viagem, esse autor salienta os romances iniciáticos, os romances de aprendizagem ou formação de Goethe ou de Gide que consideram a viagem como “o centro da formação do indivíduo”.

Após essas paradas nos “bancos do horizonte”, Fernandez (2002:77-98) examina, igualmente, o “manuseio do mundo” ressaltando que em uma viagem, nos seus primeiros passos, é necessário viver o desconhecido (o espaço), é necessário utilizar todos os sentidos (tocar, cheirar, ver, escutar, degustar), procurando considerar que “tudo é bom” e apreciando as quatro qualidades desse “tudo é bom”, ou seja, a curiosidade, a ausência do medo, o desejo de estar lá e o exotismo.

No que se refere aos sentidos (tocar, cheirar, ver, escutar, degustar), é importante salientar que durante a viagem “uma nova realidade surge em função de uma emoção e de uma experiência pessoal”. Assim, “essas primeiras impressões dependem de um sistema neurológico, incorporado a numerosas facetas do mecanismo de aprendizagem. Esse último, empírico e sinestésico, coloca em movimento nossos cinco sentidos”. Assim, o toque “torna-se uma experiência forte” que “enseja a impressão de penetrar em um outro mundo, qualificado espontaneamente como um *ailleurs*<sup>4</sup> inacessível”. O “fundo sonoro social e cultural induz naturalmente à formação de uma inteligência auditiva necessária para apreender o exterior”. Desse modo, “a evocação de um tecido sonoro envolve os múltiplos aspectos da realidade”. Nesse sentido, esse pesquisador

<sup>4</sup> Um outro lugar. (NT).

ressalta que “as primeiras impressões envolvem um registro cognitivo e sensorial muito amplo seja ele auditivo, espacial, olfativo, visual ou sinestésico”. Assim, esse autor considera que, em virtude dessas características dos sentidos, é aconselhável “deixar-se tomar pelo improvável que surge da realidade” (Fernandez, 2002: 84-85).

Esse processo ocorre em etapas. Nesse contexto, é ressaltado que a imersão nesse novo mundo ocorre progressivamente: uma primeira etapa, o período de *imersão-adaptação*, em que o princípio de realidade, a ação pragmática e uma tática implícita se apresentam; uma segunda fase, a da *imersão-compreensão*, em que um quebra-cabeças empírico se apresenta, aprende-se a olhar, inicia-se a realizar a exploração de um tempo qualitativo e de um tempo cultural; a terceira etapa, a da *imersão-integração*, permite a integração, um mergulho no universo simbólico do destino, a compreensão do tempo social, a passagem da prática ao conceito e do conceito à prática, analisando-se as contingências e as proximidades sociais, as tensões e lacunas sociais e tocar no inacessível: as relações amorosas (Fernandez, 2002:114-148).

Somente após a realização desta trajetória chega-se ao ponto em que surgem “as metamorfoses vivenciadas” em que estão presentes o cotidiano extraordinário, uma iniciação, uma ruptura e uma alteração, uma ruptura e a procura de si por um iniciado iniciante.

Na visão desse pesquisador, “o retorno, é um momento em que a viagem é certamente mais intensa”, pois “o espaço do retorno é antes de tudo aquele da partida, desejado ou não, que implica a procura de um equilíbrio entre” o que se era, o que se tornou e o que é o sujeito. Na perspectiva desse autor, “no plano pessoal, a realidade vivida não é o resultado de uma mecânica em três tempos: partida, estada e retorno”. Portanto, “o retorno cria um momento de uma intensidade, nunca igual, reveladora de interrogações sobre si,

sobre o trabalho e, às vezes, nostálgica do *Ailleurs longínquo*” (Fernandez, 2002:225). Nesse sentido, Urbain (1993:250) ressaltava que “o retorno de uma viagem é evocado como uma dolorosa metapsicose: um retorno difícil à vida social, vivido ao mesmo tempo como uma ressurreição laboriosa e um luto delicado”. Na sua análise, “é uma prova. Uma ‘pequena morte’ seguida de um lento ‘renascimento’. Um tipo de reintegração ao longo da qual o viajante retorna no aqui-agora cotidiano, melancólico e sonhador, com a cabeça cheia de um mundo além”.

Dessa forma, Fernandez (2002:228) considera que “o retorno acentua o dilema de uma decisão a ser tomada”. Considera, assim, que se *partir é morrer um pouco*<sup>5</sup>, seria bom acrescentar que retornar é ainda morrer um pouco mais.

Revisitando um dos mitos fundantes do Ocidente, aquele de Ulisses, esse autor salienta que esse mito retornou após uma longa viagem que o alterou, o transformou. Ele “não é mais o mesmo, ele é um estrangeiro”. Portanto, esse autor considera que o “desenraizamento anuncia uma ruptura. No retorno, o viajante faz a aprendizagem da separação” (Fernandez, 2002:242). Mas considera, sobretudo que “o *grande retorno* não é em si um fim”, pois “é a experiência do mito do retorno e de sua superação”.

Nesse sentido, ressaltava que “a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico”. Além disso, considera que “todo indivíduo, descobre ao longo do caminho as marcas indeléveis que a viagem deixa sobre o corpo e o espírito”. Nesse processo, “o medo do esquecimento se transforma em desejo de contar uma experiência vivenciada como aquela escrita sobre o mito de Ulisses e a figura de Heródoto”. Esse autor considera que “é o retrato do nômade implicado de hoje que tem consciência do caminho percorrido tornando-se por vezes o mensageiro de uma retórica do dizer que se enraíza no campo de pertencimento a uma cultura da viagem” (Fernandez, 2002: 255-261). Esse

<sup>5</sup> Esse é um “dito popular” francês muito usado.

autor considera que esta cultura da viagem, seja ela fabulista, geográfica, etnológica, orientalista, jornalística ou ainda na era do tempo, dá vida ao mito da viagem. Em sua opinião, “com várias faces, esta cultura tem o poder de atravessar os oceanos e os continentes. Conta e difunde um imaginário migratório, um espírito engrandecido e uma maneira de ser” (Fernandez, 2002: 262).

## 5. Algumas considerações

No itinerário traçado ao longo deste texto, procurei dar especial destaque ao papel das viagens nas *Investigações* tanto as de caráter científico quanto, sobretudo, aquelas de si próprio.

Assim, mediante a passagem pelos estudos de alguns autores, procurei tornar saliente: as diversas evidências da relevância das viagens; as instruções e conselhos aos viajantes que querem fazer viagens e que não tem nenhuma experiência; as contribuições das viagens; as viagens como recursos para bem aprender e conhecer o que está escondido nos livros; a proposta feita no fim do século XVIII de uma educação pelas viagens e na natureza que defende a utilidade das viagens e a necessidade de estudá-las nas escolas, pois estas podem “*inspirar o desejo de aprender*” (Portiez, 1795: 6). Além desses aspectos, dei relevo igualmente: aos estudos de Boucher de La Richarderie (1808) que no início do século XIX produziu um levantamento de obras relativas às viagens, considerada, à época, útil à pesquisa dos eruditos e instrutiva para os viajantes; às pesquisas de Stagl (1995) que ressaltam o início da pesquisa social por meio de uma descrição em que a construção da teoria da viagem teve como objetivo demonstrar que a sua sistematização e uma certa curiosidade dos sujeitos estão na base da pesquisa social.

Na segunda parte do texto, trato das viagens enquanto possibilidades de *Investigações de Si* evidenciando que os diferentes tipos e formas de

experiências ao longo de toda a vida dos seres humanos contribuem para a (trans)formação de si. Faço ressaltar que os diversos tipos de mobilidade e, especialmente as viagens, são modalidades de experiência que tem papel preponderante nestas (trans)formações. Nesse contexto, destaco as reflexões de alguns autores que ressaltam o papel dos variados tipos de mobilidade e de viagens nos processos de autoconhecimento e de (trans)formação de si.

Desse modo, faço sobressair os estudos de Fernandez (2002) que realça a idéia de uma cultura da viagem que procura mais informar do que distrair, aproximando-se de uma *arte da viagem* que preconiza uma maneira de fazer e de ser. Para esse autor, “a viagem anuncia o tempo de uma metamorfose de si” evidenciando que “o viajante é a testemunha, aquele que viveu ‘lá’, aquele que ‘viu’ o impensável e não pode ser mais aquele que era” (Fernandez, 2002:30). Além disso, constata que junto com a realização da viagem, novos conhecimentos emergem nos horizontes do viajante e surge, igualmente, uma “filiação a uma cultura da viagem”, uma “filiação a uma escola de vida” (Fernandez, 2002:248), em que “a viagem ensina a desaprender para melhor compreender a complexidade do mundo humano e físico” (Fernandez, 2002:255). Assim, a “cultura da viagem” atravessa oceanos e continentes, contando e difundindo “um imaginário migratório, um espírito engrandecido e uma maneira de ser” (Fernandez, 2002: 262).

## Referências

- Berchtold, L., 1797, *Essai pour diriger et étendre les recherches des voyageurs qui se proposent l'utilité de leur patrie, avec des observations pour préserver la vie, la santé et les effets, et une suite de questions sur les objets les plus dignes des recherches de tout voyageur, sur les matières qui intéressent la société et l'humanité*, Du Pont, Paris, France.
- Boucher de La Richarderie, G., 1970 (1806-1808), *Bibliothèque universelle des voyages ou Notice complète et raisonnée de tous les voyages anciens et modernes dans les différentes parties du monde, publiés tant en langue française qu'en langues étrangères, classés par ordre de pays dans leur série*

- chronologique, avec des extraits plus ou moins rapides des voyages les plus estimés de chaque pays, et des jugements motivés sur les relations anciennes qui ont le plus de célébrité*, Slatkine, Genève, Suisse.
- Fernandez, B., 2002, *Identité Nomade*, Anthropos, Paris, France.
- Genlis, S. F. C., 1800, *Le voyageur, par Madame de Genlis, ouvrage utile à la jeunesse et aux étrangers*, J. F. de la Garde, Berlin, Allemagne.
- Grall, A., 1998, *Intelligibilité multiréférentielle de l'errance comme parcours existentiel initiatique*, Mémoire du Diplôme d'Étude Appliquée en Sciences de L'Éducation, Université de Paris VIII – U.F.R 8 Sciences de l'Éducation, Paris, France.
- Lanquar, R., 1994, *Sociologie du tourisme et des voyages*, Puf, Paris, France.
- L'Art de voyager utilement*, 1688, Boucher de La Richarderie signale une édition d'Amsterdam de 1698, J. Louis Lorme, Amsterdam, Hollande.
- Lévi-Strauss, C., 1955, *Tristes tropiques*, PLON, Paris, France.
- Portiez, L., vers 1795, *Des voyages, de leur utilité dans l'éducation*, Imprimerie Nationale, Paris, France.
- Roche, D., 2003a, *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, Librairie Athème Fayard, Paris, France.
- Schelle, K. G., 2001, *A arte de passear*, Martins Fontes, São Paulo, SP, Brasil.
- Stagl, J., 1995 (reprinted 2004), *A history of curiosity: the theory of travel 1550-1800*. Routledge, London and New York, UK and USA.